



# Fundamentalismo Religioso e Estado Laico

Reunião Ampliada





# Fundamentalismo Religioso e Estado Laico

## Reunião Ampliada

HEINRICH BÖLL STIFTUNG  
15 ANOS no BRASIL



Parceria:



Rio de Janeiro, novembro de 2015

**Memória**  
**Fundamentalismo Religioso e Estado Laico: Reunião Ampliada**  
**12 e 13 de outubro de 2013**

**Realização**

Centro Feminista de Estudos e Assessoria (CFEMEA), Fundação Heinrich Böll e Instituto de Estudos da Religião (ISER)

**Parceria:** Movimento Estratégico pelo Estado Laico (MEEL)

**Edição e Revisão**

Marilene de Paula

**Revisão**

Marilene de Paula

Bruna de Lara

**Apoio logístico**

Helena Mendonça (ISER)

Sabrina Strauss (Fundação H. Böll)

**Pesquisa Iconográfica**

Manoela Vianna

**Transcrição**

Paula Pinto Rodriguez

**Capa, projeto gráfico e diagramação**

Beto Paixão

Os textos que se seguem são trechos das falas colhidas durante a Reunião Ampliada Fundamentalismos Religiosos e Estado Laico, ocorrida nos dias 13 e 14 de Outubro de 2013, no Rio de Janeiro.

**Índice de fotos**

Fotos da capa: Mídia Ninja (CC BY-NC-SA 2.0) e Maria Objetiva (CC - BY - SA 2.0)

Foto 1: Mídia NINJA (CC - BY - SA 2.0)

Foto 2: Maria Objetiva (CC - BY - SA 2.0)

Foto 3: Mídia Ninja / CC BY-NC-SA 2.0

Foto 4: Maria Objetiva (CC BY-SA)

Foto 5: Eurritimia (CC - BY - SA 2.0)

Foto 6: Marcelo Camargo/Agência Brasil

Foto 7: Agência Brasil Fotografias (CC BY-NC-SA 2.0)

Foto 8: José Cruz/Agência Brasil

Foto 9: Manoela Vianna / CC BY-NC-SA 2.0

Foto 10: Fernando Frazão/Agência Brasil

Foto 11: Marcello Casal Jr/Agência Brasil

Foto 12: Arquivo MEEL

Foto 13: Tânia Rêgo/Agência Brasil

Foto 4ª Capa: Marcello Casal Jr./Agência Brasil



Creative Commons Attribution-NonCommercial  
No Derivatives 4.0 International License

É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte.

Rio de Janeiro, novembro de 2015.

# Sumário

|   |           |
|---|-----------|
| <b>1. Introdução.....</b>   | <b>6</b>  |
| <b>2. Laicidade: um conceito em disputa .....</b>   | <b>9</b>  |
| <b>3. As dinâmicas dos grupos fundamentalistas .....</b>  | <b>13</b> |
| <b>4. Liberdade de expressão versus direitos + 2 casos:<br/>Suprema Corte canadense e o Caso Datena .....</b> | <b>15</b> |
| <b>5. O braseiro e o fogo de palha: realinhando estratégias .....</b>   | <b>20</b> |
| <b>6. Para além do fundamentalismo religioso:<br/>um discurso conservador direitista .....</b>                | <b>25</b> |
| <b>7. A religião e os neopentecostais .....</b>   | <b>28</b> |
| <b>8. Religião e política .....</b>   | <b>32</b> |
| <b>9. Neopentecostais, população LGBT<br/>e religiões de matriz africana.....</b>                             | <b>37</b> |
| <b>10. O MEEL: estratégias possíveis.....</b>   | <b>40</b> |
| <b>11. Pensando as alianças: o papel dos religiosos<br/>progressistas e de outros movimentos .....</b>        | <b>45</b> |
| <b>12. Voltando à discussão sobre laicidade.....</b>  | <b>48</b> |



# INTRODUÇÃO

**Foto 1**

Marcha das Vadias - Brasília (DF)

Nos dias 12 e 13 de novembro de 2013, ativistas, pesquisadores e representantes de ONGs e de instituições religiosas se reuniram para debater a visibilidade crescente de um discurso e prática fundamen-



talista religiosa que tem gerado impactos negativos no campo político e no campo social.

O Acordo Brasil-Vaticano legitimando o poder da Igreja Católica, o incremento de casos de intolerância religiosa contra as religiões de matriz africana, o uso cada vez maior do discurso religioso como ferramenta política eleitoral, a ofensiva de representantes da bancada religiosa no Congresso aos direitos sexuais e reprodutivos das mulheres e o discurso de ódio contra LGBTs têm se mostrado elementos importantes para pensarmos nas contradições do Estado laico brasileiro. Esse cenário aponta para o recrudescimento de um discurso e de um imaginário conservador fundamentalista que pune e coloca à margem aqueles e aquelas que não se encaixam em definições preconcebidas de moral

e respeito e com impactos no campo das políticas públicas.

Com as boas vindas de Marilene de Paula (F. Böll), Joluzia Batista (CFEMEA) e Pedro Strozenberg (ISER) deu-se início ao debate do primeiro dia com as considerações iniciais e provocadoras de Tatiana Lionço, do Conselho Regional de Psicologia e da Companhia Revolucionária Triângulo Rosa e Fabio Leite, da PUC/RJ. No segundo dia tivemos as contribuições de Luiz Antônio Cunha, do Observatório da Laicidade na Educação (OLÉ) e Marcio Marins, do Fórum Nacional das Religiões de Matriz Africana. Apostamos na metodologia de roda de conversa, na qual os participantes interagem livremente. Essa é uma edição das falas e comentários dos participantes.

Um agradecimento a todos pela disponibilidade de tempo e conversa!

**Marilene de Paula**

---

# Boas vindas:

Marilene de Paula - Fundação H. Böll  
Pedro Strozenberg - ISER  
Joluzia Batista - CFEMEA



**Foto 2** - Manifestação 8 de Março, Dia Internacional da Mulher

## Pedro Strozenberg

### ISER

Para nós do ISER fazer esse debate é uma motivação especial, não só porque reconhecemos o desafio dessa agenda para o cenário brasileiro e para o movimento de direitos humanos, mas também para avançarmos num processo mais sólido da nossa democracia. O ISER leva o nome de estudo sobre a religião e durante muito tempo ficou essa pergunta: religião? de que religião vocês são? qual é a denominação religiosa de que vocês fazem parte? E durante 20 anos nós escutamos essas perguntas e hoje percebemos o inverso: o reconhecimento da importância de estarmos discutindo religião, na perspectiva dos Direitos Humanos, da Sociologia, da Antropologia, que é o lugar que apostamos estar. É com enorme alegria que fazemos essa parceria com o CFEMEA e com a Fundação Böll.

Nosso encontro não é um lugar para se construir unanimidades superficiais, mas serve para se debater livremente, discordar eventualmente e com o desafio, por exemplo, de termos uma pastora na sala, religiosos, praticantes da religião. Como conviver com o mundo da religião sem produzir a discriminação que muitas vezes o fundamentalismo religioso produz? Somos capazes de lidar com a diversidade religiosa ou pluralidade religiosa, como preferimos falar, como elemento da democracia e não como elemento excludente da democracia?

Portanto, devemos também vivenciar com coragem e clareza a diversidade que esse campo produz. Não há soluções fáceis, nem imediatas e nem tudo será decidido nessa sala. Se vivenciarmos mais os desacordos, as diferenças, estaremos mais preparados para o debate lá fora e certamente temos mais proximidade do que distância.

# 2

## LAICIDADE: um conceito em disputa

Foto 3

CLANDESTINAS  
em Marcha | Rio De Janeiro, 2015

**Tatiana Lionço**

Conselho Regional de  
Psicologia; Companhia  
Revolucionária Triângulo Rosa

Uma das questões importantes a ressaltar é a compreensão de que a laicidade é um conceito em disputa, a ser amadurecido coletivamente. Inclusive as ações que já chegaram ao Supremo Tribunal

Federal (STF) demonstram que não há um consenso na compreensão coletiva.

## Fabio Leite

### Pontifícia Universidade Católica (PUC)

Laicidade está no texto constitucional, assim todos serão laicos. A questão é justamente o que é laicidade e aí criou-se um inimigo: o laicismo. Se você não concorda com os meus termos de laicidade, você é um intolerante, ou seja, um laicista. O pe. Jesus Hortal escreveu um artigo no Jornal da PUC e disse: tudo bem, devemos defender a laicidade, ela é muito importante, no entanto temos de ter o ensino religioso confessional, crucifixo no espaço público, nos tribunais etc. Mas para mim isso é o oposto da laicidade. Aqui está a divergência.

Todos nós somos a favor da laicidade, a questão é o que entendemos por laicidade. Assim, laicismo é um conceito que começo a questionar e se efetivamente é uma perseguição ao fenômeno religioso.

Conceitos que não me agradam, que estão indo por um caminho equivocado: a ideia de Estado ateu, que só não é mais estranha do que o Estado que acredita. A sociedade acredita em Deus em ter-

mos muito genéricos ou não acredita. Para mim Estado respeita a religião ou não respeita.

Quais são os limites para o que chamamos por laicidade? Porque como valor todos estamos de acordo. Não somos contra nenhum valor constitucional; ninguém é contra o direito à vida, o direito à autonomia, à liberdade de expressão. A nossa discussão é em relação ao caso concreto. Até onde vai o direito à vida, à autonomia e à liberdade de expressão? Então é aqui que temos de avançar, pois o Direito não avança nesse ponto.

É possível limitar o discurso religioso se for homofóbico? Ou a liberdade religiosa protege o discurso homofóbico? Essas são questões a serem discutidas, mais do que a importância da liberdade religiosa.

## Luiz Antônio Cunha

### Observatório da Laicidade na Educação

A laicidade é um conceito em disputa, assim como o de democracia. Se nós passarmos um questionário aqui para perguntar o que é democracia teremos umas 20 respostas diferentes. Democracia está em disputa muito antes do que Estado laico.

O primeiro livro publicado no Brasil com o título Estado laico é de 2006. Em toda disputa política que houve no Brasil do século XIX pela laicidade, com o nome de separação da Igreja do Estado, essa expressão não aparecia. No máximo era uma expressão equivocada, Estado leigo, que é outra coisa, pois leigo é distinto de laico. Nós não temos tradição sobre essa discussão. Nossa tradição é autoritária, ou policialesca, mas, sobretudo, de dissimulação.

A expressão laico, nem laicidade, estão na Constituição brasileira.

## Paulo Victor Leite

### ISER

Uma coisa que discutíamos no evento da Marcha das Vadias aqui do RJ: um dos benefícios da discussão sobre a *laicidade em disputa* é o potencial que pode ter em agregar o campo progressista de esquerda; reunir uma série de atores que a princípio não estariam tão juntos. Por exemplo, o problema que temos hoje em dia é que os movimentos LGBT e Mulheres não estão reunidos.

Por outro lado, até que ponto o debate/noção de laicidade é tão fundamental em nossos debates cotidianos? O

que estamos tentando fazer ao lutar em torno de um conceito? Uma definição clara de laicidade não quer dizer necessariamente que a laicidade será efetivada, até porque o Estado tem diferentes níveis e espaços.

O dissenso é importante e precisamos entender que não temos de convencer o outro. O que temos de fazer é tentar modificar certa correlação de forças a nosso favor.

## Fabio Leite

### Pontifícia Universidade Católica (PUC)

Eu sempre provocava, até no meu grupo de pesquisa, e dizia "se pergunta por que tirar, mas não se pergunta por que colocar". Ou seja, eu vou criar um tribunal agora; tem que ter a mesa do juiz, um martelo, um crucifixo e um pastor para benzer ou um padre, pera aí... tem que ter o crucifixo? O que fundamenta colocá-lo? Se eu dissesse está aqui há 100 anos? Quer dizer, tem essas coisas que acontecem no dia a dia e não se debate muito. Existem valores, e valores estão aí para serem interpretados de forma muito subjetiva e altamente idiossincrática.

Nos Estados Unidos tem vários debates sobre **símbolos religiosos em locais públicos**. Há alguns anos a Suprema Corte julgou dois casos envolvendo um monumento dos Dez Mandamentos. Um caso era um monumento na Assembleia Legislativa do estado do Texas. No pátio da instituição havia vários monumentos e um deles era o dos Dez Mandamentos. Outro caso era em um Tribunal de Justiça do Condado de Kentucky. A Suprema Corte julgou o do Texas constitucional e do Kentucky inconstitucional, mandando remover. E um disse: “aqui é inconstitucional, lá no Texas está há 40 anos na Assembleia Legislativa”. O caso do Kentucky está gerando uma grande polêmica e eles conseguiram encontrar alguma diferenciação. É uma decisão bem fundamentada, com bons argumentos para os dois lados. Eles não utilizam a expressão laicidade, mas falam sobre a separação entre Igreja-Estado.

Também surgiu no Brasil esse debate. Numa reunião administrativa do Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul a questão foi levantada pelo Juiz Roberto Loreia e o tribunal deliberou se deveria remover os crucifixos das salas de audiência. Por um voto essa proposta perdeu. Mas quiseram levar isso para o Conselho Nacional de Justiça e

eu fui contra, é obvio que já ia perder. E perdeu! O que me chama atenção: a questão do CNJ era parecida com o que se discutiu nos Estados Unidos e a decisão tinha dois parágrafos. Uma questão tão complexa e eles conseguiram decidir em dois parágrafos! Porque esse é o nível do debate no Brasil.

## Alexandre Freitas

### Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos (ATEA)

A ATEA combate também as obras que dizem ser a favor da Bíblia, como placas sinalizando que determinada cidade é de nossa senhora ou Jesus Cristo. Não combater a intrusão da religião no Estado acaba prejudicando todo mundo, porque você acaba empobrecendo o debate, inclusive nas questões relacionadas à religião.



# 3

## AS DINÂMICAS DOS GRUPOS FUNDAMENTALISTAS

### Foto 4

Marcha Fora (IN) Feliciano  
Belo Horizonte, 2013

### Tatiana Lionço

Conselho Regional de  
Psicologia; Companhia  
Revolucionária Triângulo Rosa

Um primeiro ponto **para entendermos esse fundamentalismo religioso**: é uma estratégia de tomada de poder de extrema direita e que se reveste da autoridade religiosa para justificar a inflexibi-

lidade de suas posições no processo de regulação e políticas públicas.

Três pontos de **análise da dinâmica de funcionamento** desses grupos. O primeiro: alta capilaridade dos espaços de formação de opinião política, e temos vários elementos por meio do YouTube para entendermos que muitas das pregações desses políticos-pastores consistem em palanque político. Essa capilaridade é feita por meio da multiplicação dessas igrejas. Uma estratégia política voltada para a captação de eleitores para fins de legitimação de autoridades públicas, que se autointitulam autoridades religiosas. No fim das contas não desempenham tanto essa função social para a comunidade, como algumas outras igrejas.

O segundo ponto seria a **ocupação dos espaços de poder público**, com ênfase no Legislativo. Cada vez mais representantes de instituições religiosas vêm ocupando espaço como parlamentares e prioritariamente fazem um trabalho de retroceder direitos na agenda dos DSDR, mas também de acirrar o estado penal.

A filósofa política Iris Marion Young, que escreveu o livro "Responsibility for justice", chama a atenção para a neces-

sidade de um deslocamento da lógica da culpa individualizante, associada à mulher que aborta, ao usuário de droga, a quem tem uma vida sexual fora da relação monogâmica, à prostituição, à homossexualidade etc. Essa lógica não contribui com o processo social, na verdade desconsidera os processos sociais. Seria necessário deslocar essa culpa individualizante para responsabilização estatal e olhar para esses processos discriminatórios inclusive como processos que vulnerabilizam os direitos sociais. Essa lógica, revestida de discurso religioso, tem investido maciçamente no *apontamento* para quem aderiu a essas práticas, o que justifica que tenha de ser excluído da sociedade, porque ele tem uma culpa, tem uma falha, uma infração moral.

Terceiro ponto: ao mesmo tempo que se atribuem uma superioridade moral, **remetem-se a uma posição política transcendental – eximem-se do debate**, porque não há o que falar, o que discutir, ou mesmo pactuar. Essa estratégia é desqualificadora, a partir da moral do outro. E não estamos conseguindo discutir com essas pessoas. Então temos de criar outras dinâmicas de diálogo, prezar pelo bom uso das palavras.

# 4

## LIBERDADE DE EXPRESSÃO VERSUS DIREITOS

+ 2 casos: Suprema Corte canadense e o Caso Luiz Datena

Foto 5

DIGA NÃO  
AO ESTATUTO  
DO NASCITURO

**Fabio Leite**

Pontifícia Universidade Católica (PUC)

A solução para os problemas com os quais nos deparamos em relação à laicidade virão muito mais de debates como esse, numa escala muito maior do que do Direito.

Estava debatendo com alguns colegas o **caso da guarda de sábado pelos judeus e adventistas do sétimo dia** e qual seria a resposta do Judiciário para isso. Num levantamento de decisões judiciais que eu pesquisei sobre isso percebi que mais de 80% eram contra a mudança de data (era um levantamento por amostragem, sem grandes metodologias) ou qualquer outra medida alternativa para quem estava pedindo um tratamento diferenciado. Entretanto, de uma forma ou de outra a fundamentação era péssima.

Há alguns anos um grupo de adventista do sétimo dia (uma liderança religiosa) não deixou esse tipo de problema para o Judiciário. Eles foram ao Ministério da Educação para discutir o problema. O ENEM de 2010 iria acontecer num sábado e os adolescentes, estudantes que professavam essa religião, iriam ter esse problema. Eles construíram politicamente uma alternativa, na forma de um horário alternativo, no qual o aluno chega e aqueles que quisessem poderiam fazer a prova após as 18h, depois do pôr-do-sol. Um grupo de 20 alunos judeus de São Paulo se recusou porque entendia que essa

medida não era suficiente. Ajuizaram uma ação e perderam em primeira instância. Recorreram ao Tribunal e ganharam.

Eu fiquei impressionado como um desembargador conseguiu decidir uma questão tão complexa (parece um número de mágica) sem acionar nenhum dispositivo jurídico. O texto da decisão é idiosincrasia do início ao fim; o que ele pensa que é liberdade religiosa. E o STF disse com muita dificuldade, que apesar de não terem esse direito, enalteceu o fato de que foi dada essa alternativa pelo Ministério da Educação. Essa alternativa não foi um presente dado pelo ministro Fernando Haddad. Foi construída pelas lideranças adventistas (não sei se houve outras lideranças) que foram atrás de uma solução razoável.

A **Suprema Corte canadense** tomou em 2013 uma decisão interessante. O caso era de um religioso que citava trechos da Bíblia para fundamentar seu discurso homofóbico e a Suprema Corte entendeu que aquele discurso não estava protegido pela liberdade de expressão. Responderam a pergunta: o discurso homofóbico é uma limitação

**CASO DATENA. VER MAIS EM:**

<https://atea.org.br/index.php/component/content/article/192-datena-e-os-ateus>;  
Ou  
<http://oglobo.globo.com/brasil/sp-mpf-entra-com-acao-para-que-programa-brasil-urgente-se-retrate-de-declaracoes-2916218>

ao discurso religioso? Ou o discurso religioso estará protegido por aquilo que estou chamando de “uma exceção do religioso”?

O discurso religioso parece ter um tratamento às vezes privilegiado, porque é religião. O discurso homofóbico baseado na Bíblia, por ser uma opinião religiosa, tem uma proteção especial? A Suprema Corte do Canadá decidiu que não. Não sei se foi uma decisão acertada ou equivocada, mas foram coerentes. Não existe a exceção do religioso: aceitamos o discurso homofóbico ou não aceitamos. O que não é possível, e me incomoda no Brasil, é dizermos que esse é um discurso criminalizado, mas se for religioso tem um tratamento excepcional.

A solução para os problemas com os quais nos deparamos em relação à laicidade virão muito

**Luiz Datena**, apresentador do programa Brasil Urgente, da Rede Bandeirantes, fez um comentário sobre um assassinato, um crime bárbaro e disse: “um sujeito para cometer um crime como esse não tem Deus no coração”. Essa foi a primeira frase, eu imagino que alguém falou algo no ponto eletrônico a respeito dos ateus e ele em sua postura de macho alfa, arrematou: “quer saber, se os ateus estiverem incomodados,

eles podem mudar de canal. Eu não faço nenhuma questão que os ateus assistam ao meu programa!”. Ele foi processado por conta disso, uma ação civil pública do MPF.

O MPF estaria violando o direito de liberdade de expressão? A minha discussão é se o discurso dele está protegido ou não. A liberdade de expressão não é a garantia de que podemos falar qualquer coisa, sem haver censura prévia. Eu quero discutir a liberdade de expressão num aspecto material, ou seja, o que eu posso falar e o que não posso.

Meu raciocínio foi o seguinte: imaginem se ele dissesse num primeiro momento: uma pessoa que faz uma coisa dessa, um assassino, não tem Jesus no coração. Isso afeta quem? Aqueles que não têm Jesus no coração. E depois alguém diz no ponto: olha, os judeus não têm Jesus no coração. E ele fala: quer saber, se os judeus estiverem incomodados podem mudar de canal. Eu não faço nenhuma questão que os judeus assistam o meu programa. Eu acho que as pessoas teriam uma percepção diferente disso. Seria muito mais chocante. Por que então com ateus é possível fazer essa discriminação, a exclusão de um grupo?

A primeira frase dele está protegida pela liberdade de expressão, porque eu não estou preparado para dizer que

qualquer religião não possa pregar que acham que as pessoas devem ter Deus no coração para serem pessoas melhores. Então é possível fazer o primeiro comentário. Potencialmente se eu proibir muitas pessoas serão atingidas. O segundo, não, pois ele começa a se voltar contra um grupo e não apenas dizer o que ele acha que uma pessoa deve ter no coração.

## Dawid Bartelt

### Fundação Heinrich Böll

O próprio **conceito de fundamentalismo** é ligado à ideia do Estado moderno e laico, ou seja, é quando o exercício da religião e da crença sai do privado e invade o público, criando problemas para as normas da esfera pública. Importante também salientar que não falamos do exercício da religião em si, mas quando esse exercício, ou alegado exercício, é travestido de um discurso fundamentalista.

Já que o Estado brasileiro juridicamente é um Estado laico e religiosamente neutro, então quais são os limites? Porque eu entendi da sua fala (Fabio Leite - Pontifícia Universidade Católica (PUC) que realmente não há, pois a esfera jurídica não é o campo onde iremos solucionar as questões, mas eu não posso aceitar isso. Isso não pode ser, tem de

haver normas jurídicas, formas de limitar a liberdade de expressão. Eu consigo rapidamente pensar em duas coisas (e olha que o debate na Alemanha sobre esfera pública e religião é muito complicado - pode ter crucifixo na sala de aula, a questão do véu das alunas muçumanas); ou dois limites claros, a meu ver: um se chama *hate speech*, o discurso do ódio, e o outro discriminação de modo mais geral. E aí os casos que estamos falando, pelo menos uma grande parte deles, preenchem esses requisitos.

## Fabio Leite

### Pontifícia Universidade Católica (PUC)

Qualquer demanda que for levada ao Judiciário, ele será obrigado a resolver e julgará procedente ou improcedente. Mas ele está preparado para proferir uma decisão legítima, de qualidade, sobre liberdade de expressão, liberdade religiosa? É isso que estou de certa forma, alertando. Eu acho que não.

Me separo, talvez, dos meus amigos de esquerda, porque não concordo com o controle. Claro, tem de haver limite para a liberdade de expressão, não estou tratando disso. A regra tem de ser realmente a liberdade, o que significa que vamos ter de aceitar certas coisas, e esse é o preço que a liberdade

de expressão paga: aceitar um discurso que incomoda. Porque se você apenas concorda com liberdade de expressão em tese, mas não consegue me dar um exemplo de um discurso que te afete e que você admite, então eu não sei exatamente do que você está falando. Aqui no Brasil todo mundo fala que liberdade de expressão é importante, mas na hora de dar um exemplo, mesmo nos tribunais, quando é uma decisão sobre a liberdade de expressão, geralmente é condenado.

Eu fiz uma pesquisa de 2002 a 2010 no Tribunal de Justiça, casos envolvendo o direito à honra, à privacidade, sobretudo à honra e à liberdade de expressão. Consegui levantar 58 acordos, só 12 no fim não condenaram o discurso, 44 condenaram. De todos esses que condenaram o começo é assim: "a liberdade de expressão é muito importante, fundamental, sem ela não há democracia, MAS...não é absoluta" e aí vem a condenação.

Tem um **caso** em que um político chamou o outro de mentiroso em época de campanha eleitoral, dizendo assim num programa de rádio: "é incrível como o candidato tem uma facilidade de faltar com a verdade", um eufemismo. O outro se sentiu ofendido e ajuizou a ação. O Juiz então disse: "bom... é político contra político, época de campanha eleitoral... liberdade de expressão". O

ofendido recorreu ao Tribunal, perdeu de novo pelos mesmos fundamentos, chegou ao STJ. O STJ nesse recurso, chamado "Recurso Especial", não pode apreciar fatos. Mas disse: "a liberdade de expressão é muito importante, é fundamental, mas não é absoluta; não pode ofender, mesmo que seja político não perde seus direitos". Mas será que o STJ está dizendo isso pra todo mundo? Ou foi só naquele caso, por que conhece aquele político? Será que ele poderia dizer agora liberdade de expressão tem limite no Direito brasileiro? Então o que pode exatamente? O que está permitido pela liberdade de expressão? Esse passo acho que o Judiciário brasileiro, o Direito brasileiro não consegue dar, a parte mais difícil. Tem um livro que eu recomendo chamado "Liberdade para as ideias que odiamos". É uma biografia da primeira emenda americana.

Então a pergunta, já que sempre falamos sobre respeito, é: o que isso impõe? Todos nós concordamos com esse imperativo: devemos respeitar ao próximo, às ideias etc, mas o que significa isso? O que isso me obriga a fazer? Se eu tenho que respeitar uma religião, por exemplo, isso significa exatamente o quê? Eu vou ter um conceito mínimo em relação a isso e que tem de ser coerente, porque o tratamento que vou dar a uma, vou dar a todas.

# 5

## O BRASEIRO E O FOGO DE PALHA:

Igreja Católica e  
neopentecostais

**Foto 6**

Católicos celebram missa  
de Corpus Christi  
na Esplanada, 2015

**Luiz Antônio Cunha**

Observatório da Laicidade na  
Educação

Precisamos deixar, ao pensar o Estado laico, de nos fascinar com “fogo de palha”. Se nos fascinamos com o fogo da palha ou nos amedrontamos, esquecemos o braseiro ali do lado. O braseiro

que não tem chamas, mas é de onde essa palha foi acesa e onde as outras achas e palhas serão acesas. O que significa essa metáfora? O braseiro é a Igreja Católica. Estou falando não do “povo de Deus”, estou falando da burocracia eclesiástica, que serviu de imagem para a construção da burocracia estatal, da militar e da empresarial. Essa é importante, unificada, com chefe, subchefe, assessor de chefe, um baita orçamento. Aqui no Rio de Janeiro, por exemplo, grandes bairros pagam laudêmio para a Igreja Católica, para as irmandades, na hora de vender uma sala, um terreno, e sobre isso ninguém fala, nem ninguém sabe o valor desse dinheiro transferido. Está todo mundo de olho nos evangélicos: “olha, eles estão cheios de grana; olha lá levando dinheiro!”. Eu digo: “eles levam sim! e é um escândalo”. Mas esse outro é silencioso, tipo aquele braseiro sem fogo de palha. Então precisamos ver o braseiro que já acendeu muita palha e vai continuar acendendo.

Quero insistir nessa metáfora do braseiro. A Concordata é o melhor exemplo. Quando já tinha gente criticando severamente os pentecostais, a concordata

**A Concordata é um tratado internacional entre o Brasil e o Vaticano e foi assinado pelo ministro de Relações Exteriores do Brasil, o atual ministro da defesa, Celso Amorim e pelo secretário do Vaticano, Tarcisio Bertone. Foi também aprovado pelo Congresso Nacional e homologado pelo Presidente da República. Os dois assinaram com a presença do Papa e do Presidente Lula. A Igreja Católica é a única instituição religiosa que tem um Estado, criado na época do fascismo italiano (isso não é pouca coisa, nem coincidência). Esse Estado tem representação internacional e foi aceito na ONU como observador.**

**Luiz Antônio Cunha –**  
Observatório da Laicidade na  
Educação

foi aprovada em ritmo de urgência na Câmara e no Senado. Não tivemos uma concordata com o Vaticano nem na época em que tínhamos uma religião de Estado, no Império. Pois hoje temos e faz parte do Direito Público brasileiro. Isso é gravíssimo. Gerou também seu clone: a lei geral das religiões, que já foi aprovada nas comissões da Câmara. Está no Senado e em condições de ser aprovada e virar uma lei.

Os movimentos feministas estão na vanguarda da luta pela laicidade.

Está escrito lá no artigo 14 que todo planejamento urbano no Brasil a partir de hoje tem que indicar áreas para atividades religiosas. Não sei o que será isso, mas as igrejas podem reivindicar, por exemplo: "Eu quero uma praça do Papa", como tem em Belo Horizonte. O ensino religioso católico e de outras confissões serão ofertas das escolas públicas em horário facultativo, sabemos que na prática vira outra coisa. O que vai acontecer neste cipoal jurídico-político brasileiro? Uma confusão que propicia o avanço do clericalismo e o do fundamentalismo.

O que está acontecendo na área da educação e reclamamos, acontece lá dentro das escolas. Se o diretor/a é católico, como acontece na maioria das

escolas do município do Rio de Janeiro, favorece o catolicismo. Se é evangélico pentecostal como em Duque de Caxias, por exemplo, favorece a ação daqueles grupos. Ou seja, é uma espécie de terra de ninguém e de quem botar a pata primeiro.

A lei geral das religiões foi elaborada no Congresso por iniciativa do dep. Eduardo Cunha. Pode ser modificada a qualquer momento. Concordata, não. Denúncia de tratado internacional é muito mais complicada.

## Joluzia Batista

### CFEMEA

Concordo com a metáfora do braseiro, mas eu me proponho sempre a pensar que precisamos construir estratégias de duas ordens. A questão da legalização do aborto é a principal luta. Sabemos muito bem como é lidar com esse discurso, com essa pressão, essa força, com parlamentares, com lobby, com dinheiro, com poder de mídia, ou seja, a força da Igreja Católica. Então, costume dizer nas palestras que nós mulheres somos aparelhos ideológicos do Estado. São os mesmos que mandam nas nossas vaginas: a família, a igreja, a co-

munidade, todo mundo manda, menos a gente. É um poder muito forte essa ideia de que somos seres tutelados, assim como as crianças. Nesse debate público sempre tinha o padre e o médico para falar sobre aborto.

Esse novo cenário nos exige também estratégias e táticas de como dialogar face a face com a população. Insisto num dado não pouco relevante de que existem mais afrontamentos, confrontos, tipo exorcizar a mulher tatuada, a mulher com piercing etc. junto às populações da periferia. Assim, temos que ter estratégia para lidar com esse poder da Igreja Católica, que é o brasileiro, e também cuidar do fogo de palha, porque ele está corroborando práticas profundamente opressoras, misóginas, machistas e violentas.

## **Maria Fernanda Marcelino**

### **MMM**

Nós, do movimento feminista, temos saído bastante sapecadas de muitos fogos que se espalham muito rápido. O Estatuto do Nascituro ainda não foi aprovado. Mas em vários municípios, onde nosso poder de resistência é menor, foram aprovados estatutos municipais. Lá na cidade de São José dos Campos (SP) é proibido distribuir a pílula do dia seguinte nos postos

de saúde, sendo que é uma determinação federal, logo isso é inconstitucional. Na SOF temos discutido como a direita ou o conservadorismo criam mecanismos para nos deixar ocupadas o tempo inteiro brigando contra isso, e não conseguimos chegar ao brasileiro.

Por outro lado não quero pensar em uma sociedade estruturada em religiões; em que cada religião tenha também seu pedaço. Por isso eu sou bastante contrária ao ensino religioso, porque é justamente quando ainda temos certo grau de imaturidade da sociedade que as religiões vão lá para angariar novos adeptos mais cedo. Quanto mais cedo for à escola, mais cedo vai conseguir ampliar o seu curral eleitoral ou seu templo, ou seu terreno, ou seu rebanho. Eu não quero uma sociedade assim. Eu também não quero acreditar no santo do Candomblé, ou no santo da Igreja Católica, nem na ausência de santos das igrejas neopentecostais. Eu quero ter liberdade de poder em algum momento escolher para onde ir. Não ser julgada por isso ou violentada.

## **Dimas Galvão**

### **CESE**

Estava lendo um texto antes de vir para cá sobre os preceitos religiosos nos

espaços públicos. O autor conta que quando a estátua do Cristo Redentor foi inaugurada, em 1931, tinham 50 bispos reunidos no local e o cardeal Sebastião Leme teria dito para Getúlio Vargas durante o ato da inauguração: “o Estado reconhece o Deus do povo ou o povo não reconhecerá o Estado”. Acho que está implícita um pouco a metáfora do brasileiro. Mas me incomodou a parte do fogo. Lembro quando o fenômeno das igrejas neopentecostais começou a aparecer mais ou menos há 15 ou 20 anos atrás. Imaginávamos que seria um fogo, uma coisa que passaria. Mas percebemos que esse negócio foi tomando corpo e aparecem igrejas, hoje, na mesma velocidade e quantidade que dupla sertaneja.

Quando me refiro a igrejas neopentecostais, estou também me referindo à *igreja neopentecostal católica*. Existe uma *igreja neopentecostal católi-*

*ca romana* que é enorme, tem mídia, jornal, televisão. É esse fogo que está queimando. As pessoas estão criando terror nas comunidades. Pessoas que antes frequentavam outras comunidades religiosas, não vão mais, porque hoje estão dentro das igrejas e a cabeça está sendo feita. A impressão é de que esse fogo não passa e cada vez mais se alastra, como uma grande fogueira. Esse fenômeno parece fazer com que a gente caminhe para um enfraquecimento da secularização; e para o fortalecimento de uma visão cada vez mais religiosa. Pessoas que nunca iam para a igreja estão falando sobre religião, assistindo a programas do Marcelo Rossi e fazendo viagem para os lugares etc. A secularização está cada vez mais distante e todo mundo está sendo tragado por uma onda meio conservadora, que não é evangélica, não é pentecostal, é religiosa, conservadora e católica também.

# 6

## PARA ALÉM DO FUNDAMENTALISMO:

um discurso conservador direitista

### Foto 7

Pastor Silas Malafaia  
na Comissão Especial sobre o  
Estatuto da Família, 2015

### Iradj Eghrari

Comunidade Bahá'í

Qual o risco de colocarmos todo  
nosso poder de fogo na questão  
do fundamentalismo versus Estado  
laico: é deixarmos passar ao largo  
outras espécies de ocupação da  
máquina do Estado por religiões

que passam despercebidas ou são muito mais “elegantes”? Temos registro de casos, por exemplo, de defensores do Estado laico que ocupam a máquina estatal, aparelham-na com uma determinada linha religiosa e isso é Brasil. Vá ao Executivo Federal e veja quem ocupa a máquina do Estado. Não podemos jogar o jogo de quem está interessado em não discutir essa pauta, colocando o foco apenas no diabólico, no fundamentalista.

## Érika Lula Medeiros

### CFEMEA

Tem uma ligação ali, que junta o fundamentalismo religioso com ruralistas. A bancada religiosa votou a favor do Código Florestal, em troca os ruralistas votaram contra os direitos previdenciários da população LGBT. As articulações entre esses grupos estão o tempo todo e se envolvem, sim, com o debate sobre Estado laico e a laicidade. O debate do Estado laico tem que passar pela cidadania no Brasil que hoje tem cara, sexo, cor, orientação sexual, classe. Não podemos fazer esse debate de cidadania, sem fazer o de Estado laico, sem conseguir destrinchar esse conceito e criar articulações com outros movimentos.

## Tatiana Lionço

### Conselho Regional de Psicologia; Companhia Revolucionária Triângulo Rosa

A nossa compreensão no Movimento Estratégico pelo Estado Laico (MEEL) tem sido de que isso que chamamos de fundamentalismo religioso, do ponto de vista conceitual, não exatamente consiste numa dinâmica de fundamentalismo religioso. Porque não consiste em um esmiuçamento da doutrina religiosa, na especificação de propostas políticas, não é disso que se trata. Nós diríamos que se trata de um fundamentalismo da direita, que oportunamente se reveste de uma autoridade religiosa para se eximir do compromisso democrático do debate que implica em dissenso, que implica em divergência de opiniões e que implica em pactuações políticas.

## Rafael Soares

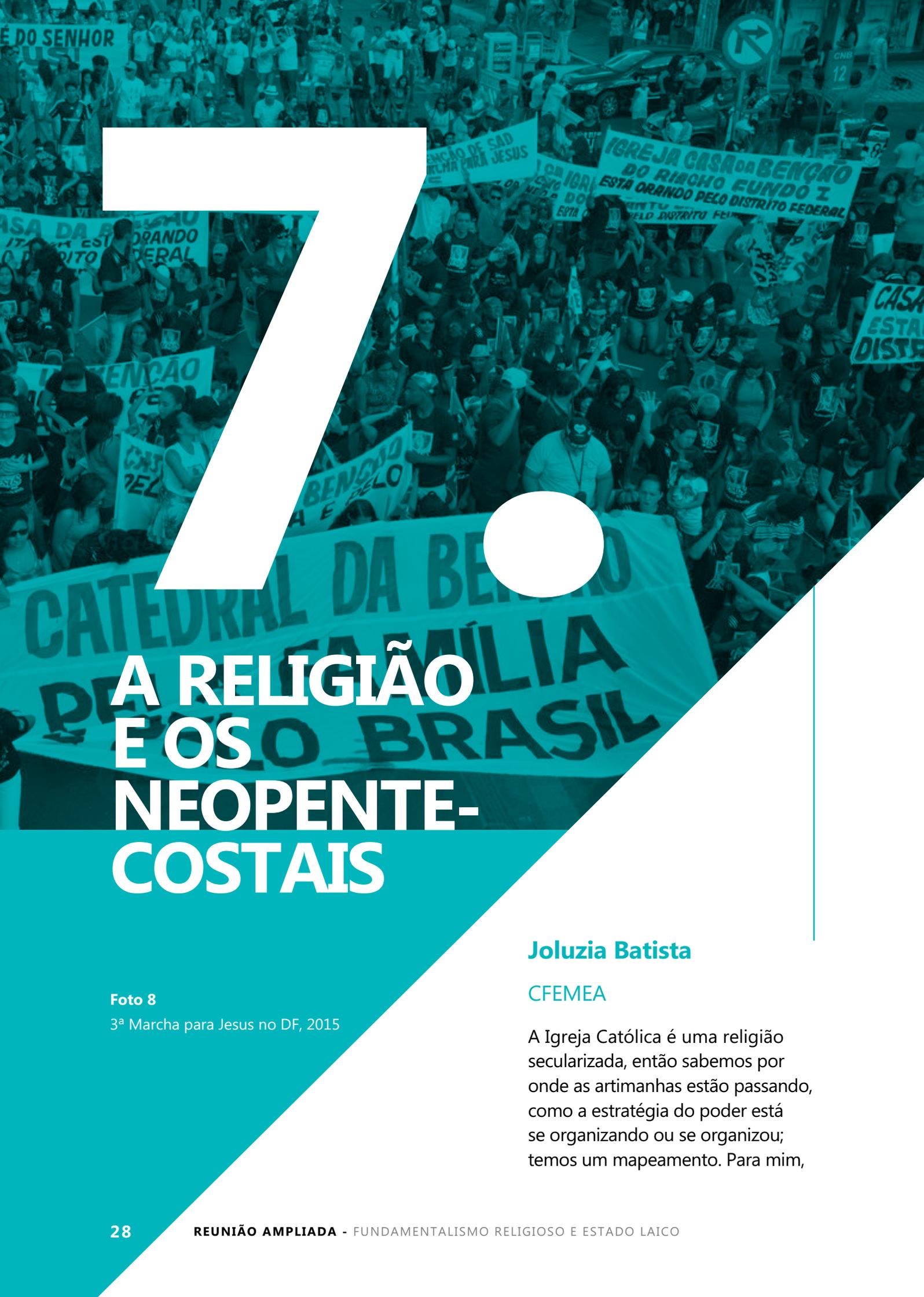
### KOINONIA

Quando falamos de Estado laico, a polarização se tornou pública; nós não inventamos essa polarização. Também estamos diante de uma história, na qual nunca tivemos plenamente Estado democrático no Brasil, então falar de

Estado laico é um capítulo do desejo de Estado democrático de direito. Nós, como agentes públicos, devemos nos perguntar por que estamos disputando o conceito de laico. Na verdade, estamos disputando o conceito de Estado.

Os discursos fundamentalistas que estamos criticando são discursos da direita e sem vergonha de ser. Se pegássemos esses discursos há dez anos teríamos conseguido confiná-los ou isolá-los em determinado campo. Hoje, temos um enfrentamento à direita,

com um universo que cada vez mais se autoidentifica como universo ruralista, country, associado a uma enorme franja de capital social e econômico que não tem vergonha de ser isso e não tem vergonha de ser de direita. E isso não é porque as pessoas não têm vergonha, é porque ele passou a ter relevância social. Essa dialética é o que me preocupa. O discurso contra o Estado laico já estava na sociedade, mas ganhou relevância e tem pessoas que o defendem ativamente.



# A RELIGIÃO E OS NEOPENTE- COSTAIS

Foto 8

3ª Marcha para Jesus no DF, 2015

**Joluzia Batista**

CFEMEA

A Igreja Católica é uma religião secularizada, então sabemos por onde as artimanhas estão passando, como a estratégia do poder está se organizando ou se organizou; temos um mapeamento. Para mim,

o desafio é mapear a movimentação dos setores fundamentalistas neopentecostais. Esse debate cruza com o que fizemos recentemente sobre a nova classe média. Nós não temos ainda os dados, mas empiricamente podemos ver que onde o Estado se ausentou ou falhou essas instituições ocuparam as escolas públicas, as comunidades periféricas. Estão lá disseminando os discursos do ódio, da intolerância religiosa, da violência contra as mulheres, do estupro corretivo, do linchamento de homossexual etc. É uma estratégia de poder organizada. Recentemente o Congresso foi visitado por organizações de extrema direita. Uma delas, a Exodus Cry, está pregando a culpabilização dos clientes da prostituição.

## Paulo Victor Leite

ISER

Até que ponto as nossas reações, os nossos movimentos estão potencializando a força desses caras? Os casos analisados no livro "Religião e Política" mostram isso. É muito interessante ouvirmos a afirmação de que o Silas Malafaia e os evangélicos foram fundamentais para a ida ao segundo turno da Dilma Rousseff. Mas não se diz que a vitória do Fernando Haddad, em São Paulo, foi uma derrota para os grupos

evangélicos; quando o Malafaia esteve amplamente envolvido na tentativa de difamar a campanha e fazer com que ele ganhasse. Então até que ponto a produção das nossas leituras e da mídia não acabam supervalorizando o potencial desses caras e ao supervalorizar produzimos o poder desses caras? Logo, é importante que, quando formos criticar, pensemos as lutas e os termos de como conduzimos essas disputas, a partir de linguagens que não potencializem essas disputas. Inegavelmente são poderosos sim, mas até que medida estamos lendo desse jeito.

### Livro Religião e Política:

<http://www.br.boell.org/web/136-1519.html>

## Celina

ISER

Na pesquisa que estamos desenvolvendo sobre assistência religiosa em presídios, estamos tendo dificuldade em entender como definir assistência religiosa. A assistência religiosa é

um direito fundamental, previsto no artigo 501 da Constituição brasileira, e por lei quem regula isso nos centros penitenciários são os assistentes sociais. A coordenação de serviço social teve dificuldade de entender o que isso significa. A visão dos representantes das instituições religiosas que estão lá é como se fosse mais um direito deles, em vez de um direito do preso. Aí vemos uma mudança de lógica: de ser um direito individual do preso (ser assistido). Isso fica bem claro em algumas falas, como “eu quero aquela unidade pra mim; por que eu não estou lá? Por que fulano que é meu diretor consegue entrar e eu não?” e “se sou de uma determinada igreja eu demoro para ser atendido”. O Estado tem que regular de alguma forma e também há uma porção de regulações que na prática não são respeitadas. Outra questão também é quando tem diretor religioso.

O trabalho dessas instituições religiosas não se resume a um culto ou alguma atividade nesse sentido. Eles estão lá também dando kit de higiene, aulas de alfabetização e computação; de uma porção de outras coisas que a própria administração penitenciária diz ter uma carência.

## Iara Moura

### Coletivo Intervezes

Uma discussão que fazemos no Intervezes é sobre a venda de horários das televisões, numa espécie de terceirização para grupos religiosos professarem as suas crenças. Os horários são concessões públicas. Temos um marco legal constitucional que estabelece as diretrizes da programação de radiodifusão, a partir da laicidade e do respeito à diversidade. Entretanto, sabemos que infelizmente algumas instituições não cumprem esse papel.

## Tatiana Lionço

### Conselho Regional de Psicologia; Companhia Revolucionária Triângulo Rosa

O direito de comunicação é fundamental. O Amartya Sen, autor do livro “A ideia de justiça”, discutiu bastante isso. A livre comunicação é fundamental na democracia, porque a comunicação de massa forma opinião, determina o que pensar, quais aspectos da sociedade são relevantes para serem considerados nesse momento. Os veículos de comunicação de massa determinam em grande medida o imaginário social.

É muito chocante o baixo alcance das nossas comunicações nas redes sociais. Os religiosos, o blog mulheres contra o feminismo, é fundamentalismo religioso misturado com blog de extrema direita etc. O nosso alcance nas comunidades de base basicamente é nulo.

## Lusmarina Campos Garcia

Conselho Nacional das Igrejas  
Cristãs, Regional Rio de Janeiro  
(CONIC-Rio)

Precisamos, os movimentos sociais, a sociedade civil, de um canal de televisão. Não estou brincando, eu sei que parece brincadeira, mas sabe por quê? Lá no interior do Brasil, minha irmã, por exemplo, que vive no interior de São Paulo, não tem computador, não tem um tablet, não está nas redes sociais, mas ela vê televisão todo dia. Eu acho que precisamos de fato entrar nessa mídia, que é mais massiva, para poder oferecer à população a noção clara de que outra religião é possível. Porque não podemos ignorar o dado religioso no Brasil, de jeito nenhum; é bobagem tentar ignorar. Os temas das feministas precisam ser explicados. A minha irmã precisa ver uma mulher feminista falando. Outra religião é possível, outro jeito de ler a Bíblia é possível.

sobre a  
cenário

ENRICH BÖLL STIFTUNG

ISER

Instituto de Estudos da Religião

Religião e Política

Política

Religião e Política

# 8

## RELIGIÃO E POLÍTICA

### Foto 9

Lançamento do livro Religião e Política, F. Böll e ISER, 2013

### Darci Frigo

Terra de Direitos

A religião no espaço público e no espaço privado é uma equação que parece estar resolvida, mas cada vez mais estamos ouvindo argumentos no sentido contrário. A religião ou quem está nas

igrejas reivindica um lugar no espaço público. Assim, não basta dizermos que estamos contra a religião no espaço público, porque ela irá se estabelecer a partir de uma forte correlação de forças. Após a experiência de lidar com comunidades de terreiro, indígenas ou similares nós reivindicamos outro jeito de ver a religião, como um espaço coletivo. Temos então uma questão que precisa ser enfrentada e eu não sei como enfrentar.

Eles vieram para a ofensiva e estão atacando a partir da esfera pública, tanto do ponto de vista de ocupar o debate em geral, quanto de ocupar o Estado para que possam estabelecer as políticas. É então uma ofensiva que tem a ver com os projetos políticos de direita, projetos que querem ser hegemônicos na sociedade. Nesse momento, ateus e crentes, uni-vos! Tem de haver uma unidade política fundamental. Por exemplo, expressões da Igreja Católica poderiam estar conosco, pois são aliados históricos das lutas sociais, têm capacidade de entrar nos debates públicos e poderiam estar somando forças.

Nesse embate que aconteceu sobre a vinda desse setor religioso fundamentalista para o espaço público vimos alguns reflexos concretos, como a perda da Comissão de Direitos Humanos da

Câmara, pelo fato de as nossas forças considerarem que comissões de relações de exteriores ou ligadas à área econômica eram mais importantes do ponto de vista da estratégia atual de poder, e direitos humanos era menos importante. Mas esses setores conservadores entenderam que esse projeto político da direita deveria disputar e desconstruir os conceitos de direitos humanos. E foi para isso que eles foram para a Comissão de DH.

## Dimas Galvão

### CESE

Todos lembram o José Serra indo para Aparecida do Norte, os outros candidatos indo para as marchas de Jesus na eleição de 2010. Marina Silva recentemente, quando estava lutando para criar o partido Rede, esteve na Marcha para Jesus em SP arrecadando assinaturas.

Como temos uma formação religiosa muito pesada, desde as origens, enquanto o europeu sofreu todo um processo desde a idade das luzes, nós ainda somos reféns de uma visão religiosa muito marcada na população. Então uma fala dizendo que o aborto é crime, é pecado, abala muito as pessoas

comuns e isso tende a ter um efeito devastador, do ponto de vistas das posições na sociedade brasileira. Então quando estamos falando em disputar o conceito de Estado laico temos dificuldades. Porque Estado laico é um conceito teórico, uma abstração. O povo entende quando o pastor fala que aborto é crime, que é contra as leis de Deus. Temos quase uma luta de Davi contra Golias.

A direita da CNA se alia à direita religiosa, que depois vai contra os direitos dos homossexuais, dos povos indígenas e quilombolas e cria-se aí uma teia, uma rede da direita, que junta religiosos de um lado, ruralistas do outro, grandes empresários, e vão todos marchar numa mesma força contra os valores que estamos defendendo aqui, os DHs. Nós, da CESE, estamos atuando junto aos movimentos ecumênicos e a outros espaços religiosos justamente para oxigenar aquilo que seria uma trajetória do movimento ecumênico, a defesa do Estado laico. Não é possível defender direitos se não for pelo Estado laico



**Gostaria de contar duas pequenas histórias que eu vivenciei ultimamente. Dois meses atrás eu fui para Bra-**

**sília num feriado, e participei daquele tour ao Senado. Quando chegamos na sala principal do Senado, eu fiz um comentário (tinha umas 30 pessoas): deviam retirar esse crucifixo daqui, porque o Estado é laico. Eu quase fui trucidado pelos participantes, dizendo que eu ia para o inferno, que era um absurdo.**

**E outra experiência foi em 2008 durante a Campanha da Fraternidade (da CNBB) que defendia a vida. Chegou à minha caixa de mensagem uma desconhecida dizendo que deveria ser retirado um vídeo que polemizava a questão do aborto. E eu ingenuamente respondi, dizendo que achava que deveria ficar para suscitar um debate na campanha.**

**Depois disso eu recebi dezenas de mensagens, falando absurdos, dizendo que aquela posição era assinada só por homens e que não tinha nenhuma mulher defendendo a manutenção do vídeo... e por que só tinham homens? E depois também recebi um email de uma mulher que ia rezar por**

**mim, que minha alma estava perdida. No final das contas fizeram uma pesquisa e descobriram que eu trabalhava na CESE e acharam um absurdo uma entidade composta por igrejas que defendia a liberdade religiosa, a livre orientação sexual etc. Foi um negócio de 2 meses e depois eu bloqueei. Penso que um grupo meio medieval da Igreja Católica.**

**Esses dois casos ilustram um pouco o debate. O Estado é laico juridicamente, mas culturalmente ele é impregnado de religiosidade.**

**Dimas Galvão**  
CESE

## **Fabio Leite**

**Pontifícia Universidade Católica (PUC)**

A questão que foi colocada em relação a postos estratégicos ocupados pela Igreja Católica, eu concordo plenamente, mas a questão aqui é o que fazer em

relação a isso. Não podemos fazer nada em relação à ocupação de cargos, somente a atos praticados, concretos, se não seria preconceito. Por que alguém de uma religião não pode assumir? Na verdade, o que acaba sendo mais eficiente são atuações estratégicas na mídia que deem justamente visibilidade a atos concretos resultantes da atuação de certos grupos de interesse através de blog, internet, enfim.

## **Érika Lula Medeiros**

CFEMEA

Quando eu estava participando das manifestações na época do “Fora Feliciano” junto com o movimento feminista e LGBT, me chamava atenção a simbologia de ser o Feliciano na presidência da Comissão de Direitos Humanos. As conferências de Direitos Humanos eram em parceria com aquela comissão; quando a sociedade civil, todos os segmentos de movimentos sociais, queria pautar alguma coisa no Congresso Nacional era a Comissão que puxava uma audiência pública. Porém, quem se mobilizou com força, com manifestações que demoraram muito a parar, foram quatro meses ali, toda semana indo para fazer mobilização, era o movimento LGBT, o movimento feminista, o movimento negro de religiões de matriz africana.

Porque na fala de Feliciano estava o ataque ao negro, à mulher e aos gays. Eu particularmente senti muita falta dos outros movimentos sociais, cadê eles?

Não estou dizendo que eles foram omissos, depois inclusive houve muitas manifestações, notas etc. Mas fazê-los priorizar essa pauta de alguma forma e levar aquilo até chegar nos outros movimentos levou 2 meses.

**No movimento LGBT temos um número muito grande de defensores e defensoras de direitos que estão em situação de ameaça. Eu mesmo estou no Programa de Proteção de Defensores de Direitos Humanos. Um louco ou uns loucos do estado do Paraná em nome de Deus começaram a fazer ligações e ameaças. Quatro defensores de direitos humanos estão nessa situação na cidade de Curitiba. Primeiro foi uma onda de ligações, depois hackearam o site da ABGLT e colocaram um roteiro de como estuproar uma lésbica e matar um**

**gay sem deixar vestígios. O roteiro dizia: “siga a vítima, faça amizade”, ensinando inclusive como se desfazer do corpo.**

**Esse tipo de atitude gera uma onda de impunidade tão grande que outros grupos, sem a mesma ideologia religiosa, mas igualmente violentos, os grupos neonazistas, por exemplo, estão se sentindo fortalecidos para atuar cada vez mais. Com base nesse discurso que não respeita o diferente, de que somos pecadores endemoniados, doentes mentais etc. A análise dentro do movimento LGBT é de que a única estratégia viável para o enfrentamento é articulação com outros segmentos e movimentos sociais. Continuamos fazendo advocacy, tentando implementar ações do plano nacional LGBT.**

**Marcio Marins**

Fórum Nacional das Religiões de Matriz Africana

# 9

## NEOPENTECOSTAIS, POPULAÇÃO LGBT E RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA

Karina Coelho, mãe de Kayllane Campos, menina de 11 anos que levou uma pedrada, vítima de intolerância religiosa no Rio de Janeiro, 2015.

Foto 10

**Marcio Martins**

Fórum Nacional das Religiões  
de Matriz Africana

O que pode significar a crescente ofensiva política e social dos grupos religiosos fundamentalistas? Primeiro cabe dizer que o crescimento dessa ofensiva tem, de fato,

servido de combustível para o aumento (não só de denúncias) mais significativo das violações de direitos, tanto da comunidade LGBT, quanto das religiões de matriz africana.

Citarei exemplos rápidos: mais de 60% dos atendimentos do disque 100, da SDH (que hoje não é o mais eficaz, mas é o canal de denúncia mais divulgado que temos), são de violações de direitos da população LGBT. Em algumas unidades federativas, como Paraná, são 76% de todas as denúncias do Disque 100. Podemos pensar que é resultado da forma com que o movimento LGBT vem trabalhando nesse estado, incentivando a denúncia por meio da campanha "Denuncie Não Fique em Silêncio".

Com as religiões de matriz africana não é diferente. Há quatro anos tivemos uma onda de invasão de terreiros de Umbanda e Candomblé, inclusive alguns casos tiveram repercussão nacional, como aqui no Rio de Janeiro. E no estado do Paraná de 2012 até agora tivemos pelo menos seis registros de invasão e depredação de patrimônio.

Um exemplo é quando chega @ recensead@r e pergunta: "Religião?" "Ah! Católico". Essas pessoas estão cada vez com mais medo. Por conta disso, lançamos uma campanha com o Co-

letivo Identidades Negras há três anos chamada "QUEM É DE AXE DIZ QUE É". Precisamos de fato repensar estratégias que apontem principalmente para o fortalecimento dos movimentos em prol da laicidade do Estado e da integração e articulação das redes de direitos humanos.



**Chegou um projeto de um terreiro de Candomblé na CESE. Quando chega um grupo novo que não conhecemos, não é parceiro ainda, nós visitamos para verificar como é esse grupo. Um dia fomos visitar esse terreiro de Candomblé e contamos uma história incrível. Tinha uma igreja neopentecostal ao lado do terreiro e um dia a mãe de santo dormiu fora e quando chegou de manhã o terreiro estava todo destruído; sal grosso jogado para todo lado. Ela sabia de onde veio a destruição: foram os membros da igreja. O que ela fez? Ela se paramentou na melhor roupa que tinha, roupa de santo, esperou a hora de começar o culto, e no meio do culto ela**

**entrou na igreja. Todo mundo ali, pessoas que eram do Candomblé, inclusive vizinhas, parentes dela que antigamente frequentavam e depois foram captadas pela igreja estavam lá, fazendo essa loucura de perseguição. Ela levantou, chegou ao meio do culto e falou assim: “Bom... vocês fizeram aquilo comigo e dizem que nosso terreiro é do demônio, pois eu vou virar um demônio se não forem lá e arrumar e colocar tudo como estava! porque vocês têm a liberdade de culto. Nós nunca nos manifestamos, nunca reclamamos do culto que vocês fazem. No entanto, nosso terreiro está sendo agredido. Portanto se vocês não forem lá e não arrumarem do jeito que estava ... aí vocês vão ver o que pode acontecer. Eu vou virar o Demônio que vocês dizem que a gente é!”. Ninguém falou nada. No dia seguinte estava tudo arrumado do jeito que era, colocado no lugar.**

**Dimas Galvão**

CESE

# 10.

## VOLTANDO À DISCUSSÃO SOBRE LAICIDADE

### Foto 11

Milhares de fiéis acompanham procissão do Círio de Nazaré, 2014

### Pedro Strozenberg

ISER

Na minha visão estamos discutindo que tipo de Estado laico veremos ver efetivamente praticado. Por exemplo, quem pega trem sabe que grupos religiosos rezam dentro do vagão; quem frequenta

o sistema prisional vê a religião atuando lá dentro; os estados aplicando diferentemente a questão do ensino religioso, em grande medida privilegiando determinadas culturas ou práticas religiosas. Temos uma série de manifestações no cotidiano que mostram que o Estado não se organiza para coibir ou regular essas manifestações. Quando o Estado tenta regulamentar é pela imposição, o que também não é um processo de construção. No RJ, na Central do Brasil há uma placa com “é proibido culto em trem” -percebemos a ação do Estado. O que a prática permitiria; a convivência das pessoas possibilitaria o culto no trem. Nesse caso o Estado está sendo respeitoso com a laicidade? Ou está cerceando uma expressão do uso do espaço público por uma determinada convivência entre as pessoas? Quando se organizam as celas pelo religioso, o Estado está reconhecendo um campo de convivência social ou está discriminando aqueles que não seguem determinadas práticas? Temos de entender não só o discurso, mas também a expressão da organização das pessoas nos espaços públicos.

Hoje temos mais facilidade de reconhecer um discurso anti-direitos de um (in) Feliciano, do que de uma Kátia Abreu. De alguma maneira estamos invisibilizando um discurso conservador de di-

reita, se ele não vem com aquele verniz da religião. A religião de alguma maneira nos facilita identificar os discursos conservadores. E o desafio é tentar reconhecer onde estão nossos aliados.

Queria dizer três coisas básicas: uma é do cotidiano dos/as brasileiros/as. E a minha pergunta é se a expressão religiosa tem se tornado mais importante no cotidiano das pessoas. Se tem assumido um papel de maior destaque na sociabilidade. O Brasil sempre foi um espaço multirreligioso, será que estamos perdendo isso? Será que estamos mudando essa marca identitária da cultura brasileira?

## Luiz Antônio Cunha

### Observatório da Laicidade na Educação

Uma coisa importantíssima é distinguir o que é secularização e o que é laicidade. No meu entender, isso não é consensual, não está nos dicionários. No meu entender secularização diz respeito à cultura e laicidade ao Estado. É importantíssimo distinguir isso, porque podemos ter uma sociedade profundamente religiosa, em que a secularização da sociedade é muito pequena. Na Índia o Estado é laico. Lá é proibido ter ensino

religioso em escola pública, não importa se a maioria daquele bairro, daquela cidade é sikh, muçulmana ou hinduísta. No entanto, é uma sociedade que respira religião por todos os poros ou transpira, não sei qual é a melhor metáfora.

A laicidade diz respeito ao Estado, podemos ter o contrário também. A Inglaterra é uma sociedade em que a secularização da cultura é muito maior do que na Índia. No entanto, o Estado é laico *"pero no mucho"*. Na Câmara dos Lordes, os bispos da Igreja Anglicana têm representação relevante e cativa. A chefe da Igreja Anglicana é a rainha da Inglaterra.

O Brasil não é um Estado laico; é um Estado concordatário devido ao Acordo Santa Sé/Vaticano - Brasil. É um Estado, ao meu entender pluriconfessional, com uma franja do confessionalismo.

A laicidade é um processo no Brasil, como em qualquer lugar do mundo. Aconteceu com a democracia; tem avanços e recuos.

O que é um Estado laico? Todo mundo diz "não é um Estado ateu", certíssimo. Aliás, Estado ateu na história da humanidade só teve um durante 10 anos, apenas a Albânia, na segunda metade dos anos 1940 até começo dos anos 1950. Podemos ter Estado que favorece

e desfavorece, atrapalha e não atrapalha grupos religiosos. Mas também não é estado confessional. E aí não adianta colocar preposição, "interconfessional", "pluriconfessional", "multi", só atrapalha. Então não é Estado ateu, nem confessional, mas uma superação dialética dessas duas forças.

Hoje, no Brasil o movimento ateu é uma força pequena, mas está aí. Aliás, o que mais está crescendo no Brasil não são os evangélicos, são os que se declaram sem religião. Se verificamos a estatística, a inclinação da curva é maior para os sem religião. No Rio de Janeiro a proporção de evangélicos no estado é só um pouquinho maior do que a média nacional, ao contrário do que muita gente possa pensar. Na Baixada Fluminense, sim! Mas a capital é católica por declaração. O que é muito maior é o dos sem religião, que é o dobro da média nacional.

## Érika Lula Medeiros

### CFEMEA

Sobre o crescimento de ateus e da curva ser muito maior dos sem religião, porém, não podemos desprezar que os sem religião não estão organizados e mobilizados como os grupos religiosos que vêm crescendo, no caso, os evan-

gólicos. Os grupos fundamentalistas estão crescendo em uma taxa menor, mas se organizam e se mobilizam com estratégias cada vez mais bem delineadas de ocupar o poder público, o Congresso etc. Então não necessariamente essa diferença quantitativa representa uma vantagem ou uma vitória da pauta de Estado laico, em detrimento das outras limitações.

## Lusmarina Campos Garcia

Conselho Nacional das Igrejas Cristãs, Regional Rio de Janeiro (CONIC-Rio)

Então, quero dizer que nós mulheres, teólogas, também enfrentamos isso, e o pessoal de esquerda dentro da igreja está passando por um momento de silenciamento, por conta das ondas conservadoras que estão assolando todas as igrejas. Assim, temos de fazer um exercício interno, dentro de nossas próprias instituições e encontrar os pares. E eu sei que há pares dentro da Igreja Luterana do Brasil, que apoia as mulheres. Por exemplo, a Federação Luterana Mundial acabou de aprovar uma política de gênero para suas igrejas no mundo inteiro. Assim, essa política vem com certa força, mas esbarra nessa cultura conservadora local.

## Rosangela Talib

Católicas pelo Direito de Decidir

A nossa sociedade está acostumada a símbolos principalmente católicos, muito mais do que cristãos. Temos crucifixo em todo lugar, nas salas de aula, nos tribunais, nunca ninguém se preocupou com isso. Qual é o problema de ter um crucifixo lá? Minha filha mais nova estudou em escola pública no primário e a professora rezava no início da aula o Pai Nosso todos os dias. Eu moro em São Bernardo e a comunidade mulçumana é muito grande. Portanto, temos alunos mulçumanos e nunca foi convidado um sacerdote para ir lá. E a comunidade nunca se incomodou com isso. Quando eu dizia: “mas como é possível?”. Os pais dos alunos replicavam: “mas o que tem de mais, afinal de contas é religião, está ensinando alguma coisa de bom para essas crianças”.

O sino de uma igreja próxima ao nosso escritório em São Paulo tocava de hora em hora, 24 horas. Precisou uma moradora nova reclamar na prefeitura e aí eles falaram: “ah! Mas custa muito caro, precisa vir um técnico do exterior para desligar o aparelho”, mas desligaram. E as pessoas diziam: “ah, mas isso sempre teve, já estou acostumada com os sinos da igreja baterem”. A gente considera

isso parte da nossa cultura, parte da nossa formação e não nos damos conta de que estamos violando o direito dos outros, de mulçumanos, de budistas, de todas as outras religiões que estão postas no Brasil. Quando essas religiões começam a mostrar a cara dizemos: “pera lá, até onde você quer chegar?”.

Sempre nos contrapomos como Católicas pelo Direito de Decidir toda vez que a Igreja Católica tenta ter privilégios que as outras não têm. Não é por acaso que os evangélicos estão ocupando o Parlamento. Por quê? Porque é a única possibilidade de eles se manifestarem e terem voz. Mas quais são os limites desses direitos? Porque nós não colocamos limites para a Igreja Católica. Nós deixamos a Igreja Católica continuar administrando colégio, confessionário, sem pagar impostos.



# O MEEL: ESTRATÉGIAS POSSÍVEIS

## Foto 12

Manifestação em Brasília,  
integrantes do MEEL, 2014

## Luiz Antônio Cunha

Observatório da  
Laicidade na Educação

Precisamos pensar em estimular e agregar outros setores ao MEEL. Porque no meu entender não será possível construir um Estado laico a partir da esquerda. Isso não vai

acontecer nos próximos 2.000 anos! Se nós pensarmos só nos “bons”, não vai acontecer. O máximo serão pequenos mecanismos de autodefesa.

Se o MEEL for apenas uma frente LGBT como no lançamento, estará fracassado. Porque a soma do total será no máximo igual à soma das entidades participantes e poderia ser muito mais. A outra coisa é o MEEL atuar permanentemente no Congresso. A promoção do Feliciano foi feita muito tempo atrás. Ele foi autor de um projeto sobre ensino religioso com temas como a formação de professores, a contratação etc., muito promovido no Congresso. Era o projeto do FONATER – Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso.

Precisamos agregar parlamentares, que não são muitos. Não aqueles parlamentares que se reúnem lá no Congresso, na Câmara, para fazer culto a Jesus; nem aqueles que vão em silêncio assistir a missa toda semana na CNBB. Mas há de ter laico e tem no Congresso. Precisamos atuar nos Conselhos do Executivo. Penso no Conselho Nacional de Educação, o qual fiz parte durante um ano como proponente de um parecer sobre o ensino religioso nas escolas. E as outras instâncias, o Conselho Nacional da Juventude – ConJuve. O ConJuve é de maior importância, pois teve um

protagonismo importante na crítica à Concordata Brasil-Vaticano.

## Iradj Eghrari

### Comunidade Bahá'í

Eu vejo dois conjuntos de estratégias. A primeira estratégia se baseia fortemente na presença de representantes de movimentos religiosos que dizem “olha, outra religião é possível”. Eu acredito num outro **ensino religioso** e que é possível trazer o pilar do conhecimento religioso, não enquanto confessional, nem enquanto proselitista, mas a escola pode ser um espaço de debate das questões do que significa a construção de um aspecto fundamental para nós seres humanos, ou boa parte, que têm a espiritualidade como elemento importante da sua vida.

No segundo conjunto eu vejo a importância da recuperação/retomada de atores históricos dos segmentos religiosos que trabalharam, por exemplo, durante todo o período militar e trouxeram a luta pelos Direitos Humanos para dentro do nosso país. Que não podem ser esquecidos e, de certa forma, também estão excluídos.

Temos de ir às periferias e fazer um contraponto dentro da dimensão da religiosidade também. Retomar o papel da religião na sua centralidade e na defesa de direitos numa relação com a dignidade humana. Quando eu falo de religião não estou falando dessa coisa esquisita que está aí no mercado. Estou falando de outra religião possível; aquela que me traz compreensão, entendimento, autopercepção e me ajuda a perceber qual é a minha dignidade.



# 12

## PENSANDO AS ALIANÇAS: O PAPEL

dos religiosos  
progressistas  
e de outros  
movimentos

### Foto 13

Devotos celebraram  
Dia de Iemanjá no  
Rio de Janeiro, 2015

### Fábio Borges da Silva

Comissão da Verdade da UNB

É fundamental que os grupos religiosos mais progressistas assumam essa luta. O movimento pela laicidade deve ser construído com o movimento religioso progressista. Tem de haver um

movimento por dentro do pensamento religioso para tentar sensibilizar, pois nós do movimento LGBT quando chegamos sofremos um rechaço.

## Lusmarina Campos Garcia

Conselho Nacional das Igrejas Cristãs, Regional Rio de Janeiro (CONIC-Rio)

Eu quero confessar para vocês que eu sofro uma angústia: a angústia da invisibilidade. Porque a parte progressista, que vai junto para rua fazer a marcha das vadias e defendem a causa LGBT etc. (e são as teólogas feministas), nós nos sentimos invisibilizadas diante da profusão das igrejas que têm acesso à mídia. Então fica parecendo que essa religião é “a religião”. Tenho muitos(as) colegas, amigos(as) que fazem parte dessa igreja progressista e que não têm essa força de expressão, a visibilidade que outras igrejas, em especial as neopentecostais, têm.

## Rafael Soares

KOINONIA

Eu sou um ogan de candomblé e no meu microcosmo religioso existem re-

lações monárquicas e eu não quero isso para a sociedade. Eu vivo ali, dirigido por mulheres que são sacerdotisas, as quais eu acredito que são determinadas pelo oráculo para que o sejam e eu não quero isso para a sociedade. Pois, não sou só isso, sou cidadão. E as alianças para esse enfrentamento a favor do Estado laico têm de passar pela nossa totalidade como seres. É importante, para nós religiosos, sabermos quem são os religiosos que estão nos outros movimentos. Só saber que estão lutando, é pouco. Nós temos múltiplas personalidades. E a gente não se encontra para conversar sobre religiosidade e, sim, para promoção de direitos. É muito difícil de enfrentar essas questões se nós não demonstrarmos na sociedade que há outro campo. Aquele que não é o das igrejas, mas da *sociedade*. A pergunta se a religiosidade está ou não na sociedade é uma pergunta para todos.

Há religiosos contra a intolerância, há religiosos a favor da diversidade.

## Joluzia Batista

CFEMEA

As articulações junto aos grupos religiosos progressistas continuam. No auge da questão do Feliciano, com

Estatuto do Nascituro e reforma política bombando, a plataforma dos movimentos sociais e a AMB fizeram uma ação estratégica. Entendemos que as possibilidades de enfrentamento estavam na reforma do sistema político como uma possibilidade de reposicionar as forças dentro do Congresso depois de uma eleição. Fizemos uma reunião e chamamos vários representantes religiosos, inclusive o CONIC.

As manifestações de junho foram um grande alento, porém uma pena que a pauta que mais se aproximou do que estamos discutindo nessa sala foi cura gay. O Estatuto do Nascituro apareceu em algumas manifestações e mesmo assim com rechaço na hora que a feminista levantava o cartaz. A Marcha Mundial das Mulheres de São Paulo foi altamente agredida. Mas a cura gay caiu, tanto é que retiraram como uma opção estratégica, para não ver o PL derrubado na Câmara.

É difícil pensar alianças tão largas, meu limite são os maçons. Tem que ter cuidado. Como vamos propor tolerância em diferentes perspectivas morais? Com a direita não dá! Como vamos propor para eles que travestis, transexuais, transgêneros tenham direito a nome social? Como vamos debater com quem acha que casamento é

entre homem e mulher, monogâmico, reprodutivo, família, propriedade? Não combina!

## Liliam Litsuko Huzioka

### Plataforma DHESCA

Temos que pensar em planos de comunicação para chegar até as periferias, combatendo essa teologia da prosperidade que articula não só a dimensão religiosa, mas também a dimensão econômica, cultural e moral.

A superioridade moral que é inculcada na cabeça das pessoas são valores construídos, logo podemos desconstruir, mas não é uma desconstrução fácil. É preciso pensar muito bem. Falo isso pensando na necessidade de desconstruir esses modelos e padrões não só morais, mas sexuais, de gênero, daquilo que é considerado bom em termos de religiosidade. Por isso essa oportunidade de fazermos campanhas para o ano que vem é um momento estratégico. Como difundir tudo isso para um público no qual normalmente não conseguimos chegar? Como dialogar para além do nosso discurso bastante politizado? Na verdade, como politizar o debate, uma vez que o Estado despolitiza e esses grupos também.

## Érika Lula Medeiros

CFEMEA

Concordo com as **estratégias de comunicação** que são centrais; conseguir dialogar de forma ampla. Por exemplo, na periferia as religiões estão todas lá; entram no presídio, no sistema sócio-educativo e conseguem dialogar. Nessa estratégia de comunicação devemos envolver os movimentos sociais que estão historicamente há décadas na rua com suas bandeiras e mostrar que há sim uma ligação da pauta do Estado laico, da laicidade, com essas outras pautas de Direitos Humanos, sobretudo na atual conjuntura de um projeto de direita se revestindo dessa questão religiosa de forma oportunista.

## Marcio Martins

Fórum Nacional das Religiões de Matriz Africana

Acredito que nós precisamos ter **estratégias de comunicação** junto com os movimentos sociais. As frentes estão trabalhando de forma isolada, não têm o mesmo entendimento, mas não preciso sonhar com uma unidade; precisamos combatê-los de forma articulada por vários segmentos sociais.

Os fundamentalistas estão utilizando estratégias que nós utilizamos. Nós, enquanto movimento LGBT, primeiro nos mobilizamos para a ocupação dos espaços; depois, mobilização das nossas comunidades: “deputado fulano de tal apresentou um projeto de lei que fere os direitos das transvestis e transexuais”, fizemos uma articulação em massa para lotar a caixa de e-mails deles. Esses movimentos fundamentalistas estão fazendo as mesmas coisas agora. A publicação do nosso site saiu do ar no mesmo dia e uma que viola direitos não saiu.... Não é porque o Google julga quem tem que sair ou quem não tem que sair, claro que o Google é uma desgraça também, mas existe uma estratégia, uma organização suficiente do tipo “vamos todos fazer denúncia” e no facebook 40 denúncias tiram do ar a sua postagem. Corre-se o risco de perder o perfil com 40 denúncias. Nós estamos organizados, mas trabalhamos de forma isolada.

Sobre alianças, eu não consigo, de onde eu falo, enxergar uma negociação com alguns setores conservadores da direita. Nos municípios que têm lei discriminatória no Paraná, que são poucos, todas as iniciativas foram apoiadas pelo DEM. Só pontuando que alguns partidos de esquerda tiveram que inclusive expulsar

parlamentares, porque estavam apresentando projetos de lei que eram verdadeiras aberrações contra o direito das mulheres e direitos de LGBT e eram teoricamente de esquerda. Deveriam ser parceiros. Temos de fazer essa análise nacional e ver as estratégias locais. Tomara que o MEEL tenha desdobramento nos estados.

## Luiz Antônio Cunha

### Observatório da Laicidade na Educação

O Estado laico não é um Estado que defende nome social para o travesti. O Estado laico não é o Estado que descriminaliza o aborto. O Estado laico é aquele que permite uma discussão e decisão pública sobre esses dois pontos e qualquer outro sem veto religioso. Se o cardeal tirar o telefone e em dez minutos falar com o presidente e disser “eu veto” ou bispo de igreja evangélica, não estamos falando de Estado laico.

**Fundação Heinrich Böll**

Rua da Glória, 190 – 7º andar

Glória – Rio de Janeiro

20241-180

T: 21 3221 9900

[info@br.boell.org](mailto:info@br.boell.org)

[www.boell.org.br](http://www.boell.org.br)

**Instituto de Estudos da Religião – ISER**

Rua do Russel, 76, 5º andar.

Glória, Rio de Janeiro.

22210-010

T.: 21 2555-3782

[comunicacao@iser.org.br](mailto:comunicacao@iser.org.br)

[www.iser.org.br](http://www.iser.org.br)

**Centro Feminista de Estudos e Assessoria**

SCS, Quadra 2, Bloco C, Ed. Goiás, Sala 602

Brasília-DF, Brasil

70317-900

T.: 61 3224-1791 / 3224-1791

[cfemea@cfemea.org.br](mailto:cfemea@cfemea.org.br)

[www.cfemea.org.br](http://www.cfemea.org.br)

■■■ HEINRICH BÖLL STIFTUNG  
15 ANOS no BRASIL



Parceria:

